

## **Entre páginas e canções: uma entrevista com Eudes Magalhães**

LUDMILA MAGALHÃES NAVES

■ 140

Docente na Universidade Federal de Lavras, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Lavras, Especialista em Educação Infantil, Especialista em Arte Educação, Especialista em Educação Especial Inclusiva, Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Administração. É pesquisadora e professora colaboradora do Núcleo de Estudos em Linguagens Leitura e Escrita – NELLE, com foco em alfabetização visual, letramento visual, linguagens e literatura. Lavras, MG, Brasil.

Afiliação: Universidade Federal de Lavras-UFL

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9343530423401054>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8092-3611>

## ■ RESUMO

Na entrevista transcrita a seguir, o músico, compositor e escritor mineiro, Eudes Magalhães, compartilha suas inspirações para compor e confessa suas visões e intenções relativas ao ensino da música nas escolas. Ele relata sobre sua trajetória artística e discorre acerca de suas influências musicais, sua compreensão sobre o papel da arte tanto no cenário político atual quanto na realidade de isolamento social devido à pandemia mundial. Magalhães fala sobre as músicas gravadas em espanhol, bem como o uso de diversos suportes para divulgação de seus trabalhos, como o teatro, a exposição de esculturas e a gravação de vídeo clipes musicais. Como autor de livros, descreve algumas das histórias relativas às suas publicações literárias e para finalizar, fala sobre seu mais complexo trabalho até o momento, a obra: “Na pele de Januário: o seteorelhas”.

## ■ PALAVRAS-CHAVE

Eudes Magalhães. Januário Sete Orelhas. Composição Musical. Literatura Brasileira.

141 ■

## ■ ABSTRACT

In the following interview, the musician, composer and writer from Minas Gerais, Eudes Magalhães, shares his inspirations for composing and confesses his beliefs and intentions regarding the teaching of music in schools. He reports on his artistic trajectory and discusses his musical influences, his understanding of the role of art in the current political scenario and in the reality of social isolation due to the world pandemic. Magalhães talks about the songs recorded in Spanish, as well as the use of various media to publicize his works, such as play, the exhibition of sculptures and the recording of music video clips. As a book author, he describes some of the stories related to his literary publications and, finally, talks about his most complex work to date, the book: “Na pele de Januário: o seteorelhas”.

## ■ KEYWORDS

Eudes Magalhães. Januário Sete Orelhas. Musical Composition. Brazilian Literature.

## 1.Introdução

Eudes Magalhães é músico, compositor e escritor de livros. Nascido na cidade de Lavras Minas Gerais, é esperantista membro do Clube de Esperando de Três Rios no Rio de Janeiro. Graduado em Canto Lírico pela Faculdade do Conservatório de Niterói, já compôs cerca de 80 músicas, que transitam pelos gêneros MPB e Infantil. Suas últimas canções foram gravadas em espanhol, inclusive seu trabalho mais atual foi divulgado a partir de um vídeo clipe gravado em Cuba, constituído por cenas e participantes de lá.

Em 2003, Magalhães lançou o álbum musical infantil “A Bandinha do Brejo” composto por canções criadas nos anos 90, em 2015 publicou “A Cigarrinha Mariate e a Bandinha do Brejo”, obra idealizada juntamente com outros materiais direcionados à educação musical infantil, como uma cartilha escolar musical e jogos musicais pedagógicos. Em seguida lançou seu primeiro Cordel, intitulado: “A verdade e a mentira”. Em novembro de 2017, lançou seu trabalho mais complexo até o momento: “Na pele de Januário: o sete orelhas”, inundando o público com a arte em suas várias formas, ao unir o movimento de divulgação da obra literária a arte da encenação teatral, a arte musical com uma trilha sonora autoral e a arte visual por meio de uma exposição de esculturas criadas exclusivamente para a publicação desta narrativa. E para finalizar, em 2020, lançou a obra “No Reino Ratatá”, segundo o escritor, um trabalho infanto-juvenil direcionado para adultos.

■ 142

## 2.História e trajetória musical

Começo essa entrevista, pedindo para que você, Eudes, se apresente, conte um pouco sobre a sua trajetória com a música e com as outras artes.

Eudes Magalhães - A minha trajetória com a música vem de muito tempo, há muito tempo eu já gosto de música, desde a adolescência eu convivi com muitos trabalhos e com grupos musicais mas, recentemente eu venho produzindo o meu próprio trabalho, que resultou até hoje em 5 CDs e também produziu os clips das minhas músicas porque o CD hoje já não se usa mais, a gente tem que fazer os clips, o processo hoje é bem diferente e a gente vem tentando se atualizar dentro disso, eu tenho uma página onde eu divulgo, enfim tem a música e outros trabalhos também envolvidos com ela.

Eudes Magalhães, me conte onde você nasceu e quando você compôs a sua primeira música. A música foi o seu primeiro contato com a arte, ou se foi por meio da literatura?

Eudes Magalhães - Eu nasci aqui em Lavras mesmo e a minha primeira música é bem antiga, eu a compus por volta de 1976, é tempo “toda vida”, eu devia ter uns 16 ou 17 anos, mas não compus muita coisa não, compus algumas coisas até os 20, depois parei e fiquei muitos anos sem fazer nada e só recentemente que eu fiz. A literatura, eu sempre gostei de ler, mas somente mais tarde que eu realmente comecei a escrever alguma coisa também.

Você mencionou que tem 5 álbuns musicais, então mais ou menos quantas canções, quantas músicas no total você já compôs ao longo da sua vida? Quantos livros você já escreveu?

Eudes Magalhães - O meu trabalho ele não é muito extenso não, eu tenho 5 CDs, com uma média de 15 canções em cada CD, então 15 vezes 5... tem que fazer a conta aí, deve ter o que? Umas 70 canções? Mais ou menos, não é? E eu não me coloco muito nessa obrigação de compor não, eu acho que eu deixo as coisas acontecerem bem naturalmente porque senão a gente fica se repetindo muito e eu gosto de fazer coisas diferentes. E livros eu tenho 2 infantis, aliás infantis não, eu tenho a "Cigarrinha Mariate" que é infantil, o último que eu lancei que é o "No Reino Rátátá" que tem uma proposta infantil, mas não, é um infanto-juvenil, mas com uma sátira social que não é bem para criança. E tem o livro do sete orelhas, o Januário, "Na pele de Januário: o sete orelhas", e tem outros também que estão na linha de produção e em breve eu vou estar lançando também.

Como que a música chegou até você? Foi por meio de algum instrumento com que você tinha mais afinidade e que te desafiou a querer compor alguma canção? Ou foi alguma música ou algum cantor que você gostava de ouvir? O que te inspirou a querer compor sua própria música?

143 ■

Eudes Magalhães - Eu tive o privilégio de crescer em uma época em que a música era ouvida, as pessoas consumiam arte e eu cresci ouvindo realmente de tudo, eu ouvi as canções dos Novos Baianos, Zé Ramalho, Chico Buarque, Caetano, Milton Nascimento, Clube da Esquina, eu cresci nesse universo, ouvindo essas coisas e agente vivenciava isso na época. Os colegas da idade mesmo, que nem eram músicos, eles vinham pedir para a gente tirar essa ou aquela música e a gente ia ver eram músicas bacanas, tipo Belchior. E eu sempre gostei deste universo, eu tinha um violão ali, eu ia aprendendo aos pouquinhos, até hoje estou aprendendo, não é? Porque eu não me considero um violonista. E é este universo todo que me influenciou e eu tive boas referências, uma boa fonte para me inspirar.

### **3.A afinidade com a música**

Quais os instrumentos que você toca hoje em dia e qual que você tem mais afinidade, qual que te acompanha no trabalho de composição musical?

Eudes Magalhães - Como eu disse, eu não me considero um violonista, eu uso o violão para compor, mas eu não me considero um violonista, tenho conhecimento teórico e tudo, mas eu não me dedico a ele, em muitos dos meus trabalhos, às vezes, eu mesmo toco, mas quando não dá, eu passo para alguém profissional para fazer para mim. Então é só o violão que eu toco, às vezes eu brinco com outros instrumentos, mas não me dedico para me nomear um instrumentista, como por exemplo a "guitarrinha baiana" que eu aprendi recentemente para tocar chorinho, mas não me considero um "chorão".

Você pode listar alguns instrumentos musicais que você sabe tocar, ou que você gosta de tocar e brincar? Qual variedade de instrumento que você arrisca praticar?

Eudes Magalhães - Os instrumentos, todos eles são muito complexos, todos eles você tem que ter dedicação, eu me dedico um pouco mais ao violão mas não a nível profissional e essa guitarra baiana é uma aquisição recente, por que eu tenho vontade de aprender alguns chorinhos, porque é um negócio muito bacana que eu acho, mas não me dedico, ela fica lá, às vezes eu pego, toco alguma coisa, eu tenho conhecimento dela, das notas, das técnicas e tudo mais, mas falta realmente o empenho.

Como que acontece o seu processo de composição musical? Com relação à essas últimas músicas que você lançou, por exemplo, como que veio a inspiração? É a letra da música que chega primeiro até você, é a melodia, ou é um instrumento que te direciona para música?

Eudes Magalhães - Essa é uma pergunta que eu acho que nenhum compositor conseguiu responder, acho que todos eles respondem mais ou menos a mesma coisa, não tem um processo, não existe uma técnica de se fazer, às vezes você está tentando falar de alguma coisa e vem outra totalmente diferente e oposta, parece que não é a gente que manda, não há um processo. O que eu posso dizer de mais seguro é que às vezes eu fico envolvido com algum determinado tema e tenho vontade de escrever sobre alguma coisa sobre aquele tema, mas acabo esquecendo e quando eu esqueço de repente eu faço alguma coisa ali e vem tudo junto, vem letra, vem melodia, vem tudo junto, o processo no meu caso é contínuo, é ao mesmo tempo, é simultâneo. Tem pessoas que não, tem pessoas que às vezes pegam um poema, escrevem, acontece comigo às vezes comigo também, às vezes eu já peguei um poema e comecei uma música a partir daquele poema, às vezes um poema meu mesmo.

Como que você conceitua música? O que é a música para você?

Eudes Magalhães - A música, neste tempo de quarentena, as pessoas estão dizendo muito que é um processo lúdico, para passar o tempo, eu não acho não, a música não é simplesmente algo para preencher este espaço vazio não, a música é algo bem mais complexo, mais profundo, e não deveria ser vista somente com este aspecto lúdico. A música tem funções que extrapolam realmente essa questão da estética dela, é como se fosse um alimento, ela tem que ter vitaminas, se você se alimenta de um alimento que não tem vitaminas o seu corpo vai ficar debilitado, e a música é a mesma coisa, ela pode te intoxicar como pode te alimentar.

#### **4. Vamos falar de arte**

E com relação a arte de modo geral, qual é a importância da arte para você?

Eudes Magalhães - A arte ela é como se fosse, eu vejo a arte como se fosse aquela coisa “o invisível” que a gente tem, o espírito, a alma do corpo. Você vê o corpo e tende a ser mais materialista e dá mais importância ao corpo. Mas a arte ela vem ser essa coisa do espírito, da alma de uma sociedade, a alma está ligada à cultura, à arte dessa sociedade, tanto é que os chineses já diziam: “se quiseres conhecer um reino conheça sua música”. Este é um provérbio chinês, é milenar.

Ainda com relação à arte, considerando que você já escreveu livros e compõe músicas, o que você busca comunicar com a sua arte?

Eudes Magalhães - Eu acho que toda arte, como se diz... ela não pode ser só aquela coisa de entretenimento, também a mensagem não é uma coisa, você não tem aquela obrigação de estar passando uma mensagem dizendo que o amor é lindo e nem nada. A música, a arte, tem o seu valor nela mesma, eu costumo citar às vezes exemplos, você pega músicas como “Pinga ni mim” do Sérgio Reis, ela está falando de cachaça e tudo, mas é uma arte positiva, é uma arte que tem humor, ela não está querendo ensinar ninguém, não está indicando ninguém para beber nem nada, ela é engraçada, tem humor e muitas vezes você vê uma arte falando do amor e é uma arte frouxa, boba. Então eu acho que a arte tem que comunicar alguma coisa, toda arte tem que comunicar alguma coisa, você tem que sair melhor dela.

145 ■

## **5.0 trabalho de composição literária**

Como aconteceu esse processo de transição de compositor musical para escritor de livros?

Eudes Magalhães - Eu acho que não é bem um processo, é uma vontade, eu não falei “eu vou ser escritor”, não, eu comecei a escrever, achei engraçado, fui escrevendo, fazendo alguns ensaios, comecei a me interessar, mas não teve uma linha divisória, ela aconteceu, fui escrevendo, não sei se eu sou escritor, eu me considero um amador, mas estou gostando da brincadeira.

Quando você escreveu seu primeiro livro?

Eudes Magalhães - O meu primeiro livro, o problema é que eu não lancei, o primeiro livro que eu escrevi é um livro didático, que ainda está na gaveta, é um livro que fala de música, para ensinar músicas nas escolas, que eu ainda não consegui lançar por falta de uma leitura crítica dele, mas pretendo lançar ele uma hora.

Quais são suas motivações e inspirações para compor e escrever? Existe algum tema que chame mais sua atenção?

Eudes Magalhães - A motivação ela pode ser tudo, às vezes você compõe uma canção com... por causa de uma palavra. Eu tenho uma canção que surgiu de

uma palavra, escutei a palavra, falei essa palavra é bacana, mas não pensei necessariamente como ela iria entrar na música não. Eu sei que em um determinado momento ela apareceu no meio de uma das minhas canções. Então, tudo pode ser uma motivação, um instrumento, um ritmo diferente, uma viagem, alguma coisa que a gente observa no dia a dia e fala: que vontade de fazer alguma coisa sobre isso, mas é tudo praticamente, é tudo o que a gente observa.

E com relação ao Cordel, como foi a experiência e as inspirações para você escrever esse Cordel especificamente?

Eudes Magalhães - Esse cordel é aquilo que eu acabei de falar, às vezes você tenta fazer uma coisa e sai outra. Isso surgiu de um trabalho que eu estava fazendo para uma amiga sobre filosofia, eu queria escrever algo sobre a verdade e a mentira, mas um texto sério, e acabou saindo uma brincadeira de quadras, quadras engraçadas que eu fiz sobre a verdade e a mentira. O título é “A verdade e a mentira” e o ano eu não me lembro muito bem não, mas acho que foi 2014, 2013 alguma coisa assim, acho que é por aí.

■ 146

## **6.Arte e escola: música na Educação Infantil**

A gente já falou de algumas canções, alguns livros de modo geral e você mencionou cartilha didática. Como que se deu esse seu envolvimento com o mercado infantil, com os produtos infantis que você já criou, mesmo os que você ainda não lançou?

Eudes Magalhães - Na época eu trabalhava em uma escola de música, eu dava aula para iniciação musical e tinha muitas crianças, e a gente usava muitas canções, inclusive canções estrangeiras com versões para o português. E me surgiu a ideia e eu pensei: “gente por que não compor algumas coisas nossas aqui para as crianças? E foi daí que me apareceu essa primeira ideia, em 1990, por aí, eu compus 15 canções infantis e comecei também a desenvolver esse trabalho do livro que eu te falei, nessa época também, mas foi por aí, foi em função do trabalho que eu tinha com criança.

Dentre esses produtos que você lançou, você mencionou as músicas, qual é a sequência de produtos infantis que você idealizou? Quais foram os produtos que você chegou a criar, nem que seja o boneco, o que você idealizou dentro desse mercado infantil?

Eudes Magalhães - As canções, a música, depois em função das canções eu fiz um álbum com as letras e desenhos das canções para serem coloridos. E dentro do livro tem muitas atividades que eu fiz de brincadeiras lúdicas que envolvem aspectos da música, são didáticos. Criei também um baralho infantil, para a pessoa aprender de maneira lúdica a ordem dos sons, o dó-ré-mi-fá-sol-lá-si, que às vezes falando assim, todo mundo sabe, mas você fala: “abaixo do lá o que é que está?” e a pessoa não sabe, ou “acima do lá o que é que está?”.Então eu fiz um

baralho com brincadeiras desse tipo.

Agora considerando a sua experiência como professor: como você acha que deveria ser trabalhada a música dentro da escola? De modo geral, como você idealiza que a música deveria chegar até todas as pessoas?

Eudes Magalhães - Da mesma forma que chega no primeiro grau primário, chega a matemática, chega a literatura, sem aprofundamentos, eu acho que toda criança pode aprender a cantar, pode aprender a bater ritmo, que são coisas naturais. E o professor de Educação Artística poderia ministrar atividades deste tipo sem necessariamente ter conhecimentos musicais, ele poderia cantar, ele poderia mostrar para que serve uma orquestra, o que é um instrumento de corda e foi exatamente o trabalho que eu fiz, um trabalho para qualquer pessoa pegar e conseguir desenvolver. Para a criança sair de dentro da escola sabendo por que uma orquestra é daquele jeito, qual a função do maestro, ela não precisa aprender solfejo, divisão, instrumento, acho sim, que toda escola deveria ter um músico para dirigir uma banda, dirigir uma orquestra, para que? Para os alunos vocacionados para aquilo, agora, não obrigar a criança a aprender um instrumento, a criança deve brincar.

147 ■

Como você não mencionou isso no início da entrevista: a sua formação é em música?

Eudes Magalhães -É, eu estudei no Rio de Janeiro, em muitas escolas livres, então eu estudei música, harmonia, eu sou muito mais autodidata. Violão eu estudei sozinho, o que não é uma coisa muito boa, o bom é a gente ter um seguimento didático. Mas no Rio eu estudei, estudei harmonia funcional, fiz diversos cursos, estudei também em outras escolas e me formei em Canto Lírico pela Faculdade do Conservatório de Niterói, essa é a minha formação.

Então com essa formação e com tantas músicas já compostas por você, eu não sei, eu acho que é injusto eu perguntar, mas eu vou arriscar: Quais são as suas músicas autorais favoritas? E por quê?

Eudes Magalhães - Essa pergunta é difícil realmente, porque música é igual filho, você acaba não tendo preferência, agora, tem umas que você canta mais, por uma questão de facilidade, elas são mais violonísticas, a gente pega outras que a gente faz aí uma música que já depende de outros instrumentos, aí a gente acaba tocando menos. Mas eu não tenho uma favorita não, eu gosto de todas, se eu disser que eu gosto mais de uma do que de outra eu estaria me enganando aqui, na verdade eu gosto de todas.

## **7. Apresentando a obra: Na pele de Januário: o sete orelhas**

Agora eu vou entrar no tema do seu último trabalho, que eu imagino que levou muito tempo para você se organizar e colocar tudo junto dentro de uma única

apresentação, é a criação que envolve a obra literária “Na pele de Januário: o sete orelhas”. Você pode contar um pouco sobre essa história, sobre a sua motivação para escrever sobre ela e um pouco mais sobre esse seu trabalho ao redor do livro “Na pele de Januário: o sete orelhas”?

Eudes Magalhães - A história do Januário, eu conhecia há muito tempo, desde praticamente adolescente, eu conhecia, mas de uma forma fragmentada, eu escutava uma história que eu não tinha ligado uma coisa a outra, só mais tarde, eu acho por volta de 78, 1980, que meu tio me deu um livrinho do Januário, escrito por José Teixeira Meireles, que é um parente do Januário, foi escrito em 1845 se não me engano, este livro. E ele fez uma versão bem interessante da história do Januário, porque muitas versões erradas surgiram, a versão paulista, a história foi publicada, foi feito teatro, até no exterior foi publicado. E eu gostei muito da história e fiquei sempre assim desde aquela época, eu falei: “um dia eu vou conhecer ali São Bento Abade, para ver lá a figueira onde o irmão dele foi morto”, mas eu nunca fui. E recentemente, este livro aí tem 2 anos que eu lancei, e que eu fui almoçar em uma cidadezinha próxima chamada Luminárias e na volta eu resolvi, eu estava com um amigo e falei: “vamos lá conhecer a figueira em São Bento”. Quando eu cheguei em São Bento, eu vi a estátua do Januário e me surpreendi, e disse: “nossa, tem uma estátua aqui, olha!”, e fui ao museu do Januário lá na Casa da Cultura e pensei comigo: “vou fazer uma palestra sobre o Januário”, para apresentar nos Congressos de Esperando e falar sobre Januário. No início, seria uma palestra, mas aí foi surgindo a ideia, apareceu uma música do Januário e depois veio outra e falei: vamos trabalhar um livro. Eu comecei a escrever alguma coisa na primeira pessoa e foi daí que surgiu a ideia. Eu fui me envolvendo com a história e acabou terminando neste livro: “Na pele de Januário: o sete orelhas” escrito na primeira pessoa.

Eu sei também que este trabalho não envolve só a produção do livro sozinho, quando você apresenta essa obra, por exemplo em um evento de divulgação, você apresenta com teatro, com música, com uma trilha sonora, inclusive com exposição de esculturas criadas exclusivamente para este trabalho. Então, me conte um pouco como aconteceu tudo isso na sua mente, como que você consegue pensar em envolver tantas artes diferentes, artes visuais, arte teatral, a música e tudo ao redor da história do Januário? Como que surgiu essa ideia? Qual foi sua intenção ao unir tudo isso em um só momento que foi um momento do lançamento da obra?

Eudes Magalhães - Na verdade, a história do Januário é muito envolvente, o pacote vem completo, porque ela inspira realmente a ideia de filmes, de teatro, de apresentação, a forma como as vinganças dele foram acontecendo, é tudo muito teatral, a oralidade é muito rica. E eu comecei a pensar nas estatuetas, e como eu tenho um amigo, o Alessandro que é um ótimo desenhista, ele fez as ilustrações e também ele esculpe, eu dei as ideias: “vamos fazer as estátuas do Januário com as vinganças”. E foi daí que surgiu, depois comecei a pensar em fazer o teatro em forma de entrevista, mas fui tendo dificuldade com pessoas para me entrevistar e acabou que eu terminei fazendo realmente um monólogo e contando não só as

vinganças, mas como também alguns casos engraçados envolvendo o Januário. Então a ideia foi esta e tem o clipe também e pretendo fazer outro clipe com a mesma ideia, com o mesmo tema do Januário ainda.

A música, a trilha sonora do Januário foi composta por você também ou é uma música que já existia de um outro compositor?

Eudes Magalhães - Não, não, a música foi composta por mim também.



149 ■

Figura 1. Arte tridimensional que ilustra uma cena de crime ocorrido na história de Januário vista de frente. Fotografias do arquivo pessoal de Eudes Magalhães.



Figura 2. Arte tridimensional que ilustra uma cena de crime ocorrido na história de Januário vista de trás. Fotografias do arquivo pessoal de Eudes Magalhães.



Figura 3. Arte tridimensional que representa uma cena da narrativa em que Januário aparece montado em seu cavalo. Fotografias do arquivo pessoal de Eudes Magalhães.

Sobre a arte tridimensional: quando você encomendou as esculturas você trabalhou junto com o escultor? Você direcionou o trabalho dele de alguma forma para que ficasse dentro da sua ideia inicial? Ou foi um trabalho livre para ele?

Eudes Magalhães - Não, eu passei a história para ele e nós sentamos e discutimos como que a gente faria as esculturas, e claro que aí tem o lado artístico dele também que sempre me surpreendeu. A gente dava ideias e as ideias eram desenvolvidas e ele sempre acrescentava coisas dele que ficou muito bacana. Mas foi tudo muito discutido, o que a gente ia fazer, a forma como a gente ia fazer, foi tudo muito pensado.

E o teatro, por que você pensou no teatro para introduzir a obra de Januário ao público?

Eudes Magalhães - Eu pensei para fazer um... não só para trazer a história, mas de uma maneira mais viva, como para fazer um lançamento diferente daquele lançamento normal que as pessoas fazem, que sentam lá e ficam vendendo os livros. Eu pensei em fazer este teatro, rápido, contar um pouco da história, transfigurado, vestido de Januário, e foi mais para isso mesmo. Eu acho que a história é interessante, os casos são bacanas, então eu pensei foi nisso.

Quando você criou a obra “Na pele de Januário: o sete orelhas”, quem era o

público que você buscou atingir e ainda busca alcançar?

Eudes Magalhães - O público é sempre um mistério, a gente atinge realmente as pessoas que conhecem a história, porque a história está um pouco apagada, mas ainda tem muita gente, porque a família é grande, ainda aparece muita gente que fala: “ah eu sou parente do Januário”. Mas é interessante que atrai muito criança, depois que a gente termina apresentação, quem vem tirar foto com a gente é a criançada.

## **8.Arte e Covid-19: isolamento e política**

Estamos falando aqui de uma história trágica e da arte,então vamos falar agora da tragédia que nos assombra em 2020, o Corona vírus. Como que você vê a relação entre a arte e o Covid-19?

Eudes Magalhães - A arte sempre esteve presente, dizem que a vida imita a arte ou que a arte imita a vida, ela sempre esteve presente. Agora, a única relação que eu vejo dessa situação é porque este é um momento bem desagradável para quem vive da arte, para músicos que tocam na noite, aí acaba tendo uma relação muito difícil. Para quem escreve e para quem compõe, nem tanto para quem não vive da arte, agora para quem vive é um momento difícil, eu imagino que é bastante complicado.

Você acha que a arte ganhou mais espaço na vida das pessoas mesmo essas pessoas que, a princípio a gente mencionou aqui, não conhecem música de verdade?Você acha que de alguma forma, este tempo de isolamento favorece para que as pessoas consigam se aproximar da arte ou mesmo enxergar a arte de uma forma diferente?

Eudes Magalhães - Eu acho que tudo tem consequências positivas e negativas. O isolamento de certa forma acaba criando introspecção, as pessoas vão encontrar com elas mesmas, e isso vai trazer algum efeito, vai trazer algum tipo de reflexão. Agora, a arte é como eu te falo, ela tem que estar sempre presente na vida, ela tem que estar sempre aí, não tem como. Hoje nós estamos vivendo em uma época que parece que as pessoas não estão dando importância para arte, eles estão achando que a arte é apenas um status, uma coisa elitizada e não é. O índio não tinha esse conceito de arte, o homem primitivo não tinha, ele simplesmente fazia por necessidade. O índio não dançava para poder ser artista, ele não fazia para ser artista. Há um caso interessante, que quando eles foram pintar os motivos das Nações Unidas, se não me engano, eles queriam motivos indígenas e aí mandaram um representante dos Estados Unidos e foram lá no alto Xingú e ele chegou lá para o cacique e disse: “eu quero que você pegue um artista seu aí para eu levar lá para os Estados Unidos para pintar lá” e o cacique respondeu: “não, você pode pegar qualquer um aí porque qualquer um faz!”. Então agente que criou este conceito de arte, a arte é uma necessidade.

Ainda sobre o Covid-19: como que você acha que essa pausa do confinamento e do isolamento reflete no artista? Você acha que a arte favorece a introspecção, esse olhar para dentro de si, para o criar, imaginar, para compor, escrever, você acha que o silêncio é necessário para tocar na sensibilidade do artista?

Eudes Magalhães - O silêncio é sempre necessário, o silêncio, agora, não tem realmente uma relação direta, é uma situação inconveniente, porque você acaba criando uma situação de afastamento, e isso é complicado. Mas a relação que tem, é como eu falei, ela é desagradável para o artista que vive da arte, para quem toca na noite, para quem está em uma atividade que depende do social. Para quem não depende, não altera muito, porque a gente já vive aqui, você não tem a necessidade exatamente de fugir para um mosteiro, você tem que estar aqui no campo de batalha, da guerra.

E você artista, isolado, como que você tem lidado com isto? Você está compondo músicas novas? Você está escrevendo, mesmo sem o compromisso de que seja um livro? Você está produzindo algo novo agora neste tempo de pandemia?

■ 152

Eudes Magalhães - A gente sempre produz, estou sempre produzindo, agora, o outro problema é que estar isolado não é muito interessante, com ou sem pandemia, a gente precisa de ter grupo, ter associações, ter pessoas que compartilham das mesmas ideias. Porque aí a gente consegue encontrar um campo muito mais fértil e produzir mais, porque a gente faz as coisas para o mundo, não é para a gente, eu não componho para as paredes da minha casa, eu componho para as músicas voarem por aí. E hoje, até eu me devo isso, mas mais para frente talvez eu tenha que fazer uma banda, um grupo e tocar porque não basta só agente colocar em CD e internet e essas coisas não, tem que botar a banda mesmo para correr para estrada mesmo, é assim que eu penso.

Agora para finalizar: como que você vê a arte dentro do cenário político atual do nosso país?

Eudes Magalhães - Essa arte do cenário político eles estão é pintando o sete mesmo! Hoje, no cenário político parece que tudo é contra. A gente está vivendo em uma época que parece que os governos têm ódio da arte, tem ódio da cultura. E por razões que a gente até compreende, porque a arte, principalmente a arte positiva, ela expande a consciência, os horizontes das pessoas, e em um regime ditatorial, autoritarista que a gente está vivendo hoje, não é interessante você ter uma população consciente, não é interessante isso, é preferível você ter pessoas alienadas e a arte bate exatamente contra isso. Então é por isso que a gente nunca viveu aqui no Brasil um tempo em que a educação estivesse em glória, a ciência, a arte, nunca, nós nunca vivemos isso. A gente vive assim, o futebol do Brasil está lá em cima, está em glória, o carnaval uma maravilha, mas a arte em tempo nenhum a gente vive, o artista, o cientista, o filósofo, o poeta sempre são marginalizados.

Lavras MG, 14 de julho de 2020.

Recebido em 22/12/2021 - Aprovado em 06/03/2022

Como citar

MAGALHÃES NAVES, L. entre páginas e canções: uma entrevista com Eudes Magalhães. *ouvirOUver*, v. 18, n. 1, p. 140-153, jan./jun. 2022. DOI: 10.14393/OUV-v18n1a2022-64054.



A revista *ouvirOUver* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.